

PERSPECTIVAS DO CAPITALISMO GLOBAL - O LIMITE DO CAPITAL NO SÉCULO XXI

(Perspectives
of Global Capitalism - The limit of capital in the 21st
century)

Autor: Giovanni Alves

Professor da Universidade Estadual Paulista, Marília (Brasil) (UNESP-Marília), pesquisador do CNPq e coordenador geral da RET (www.estudosdotrabalho.org). É autor de vários livros e artigos na área de sociologia do trabalho, globalização e reestruturação produtiva.

E-mail: alvesgiovanni61@gmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9822-6344>

Recibido: 8 de octubre de 2020.

Aceptado: 20 de enero de 2021.

Resumo: Decorridos dez anos da crise de 2008, percebe-se que o maior problema das economias capitalistas mais desenvolvidas é o alto endividamento do setor público e do setor privado. Apesar do aumento da taxa de exploração e do novo salto tecnológico da quarta revolução Industrial, a taxa de lucro do sistema não se recuperou de forma sustentável. A financeirização da riqueza capitalista não operou como movimento contra-tendencial à queda da taxa de lucro, mas apenas deslocou as contradições do sistema. Entretanto, presenciamos no começo da década de 2020, um provável esgotamento da estratégia de deslocar as contradições do capital.

Palavras chaves: capitalismo global, endividamento, financeirização.

Abstract:

Keywords: global capitalism, indebtedness, financialization

Introdução

Após dez anos da crise de 2008, o capitalismo global encontra-se no começo de 2020 numa profunda recessão global por conta da pandemia do novo coronavírus. Entretanto, a crise das economias capitalistas não diz respeito apenas à pandemia. As economias da União Europeia, EUA e do Japão desde o final de 2019, demonstravam sinais de desaceleração. As recessões fazem parte do ciclo econômico capitalista. O problema não é ter recessão mas, sim, a recuperação ser débil e insustentável. Desde a profunda recessão de 2008, a mediocridade do crescimento das economias capitalistas centrais tem contribuído para o acúmulo de



Esta obra está bajo licencia de Creative Commons Reconocimiento-No Comercial 4.0 Internacional. <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>



contradições sociais e políticas. Em 2008, o que salvou as economias capitalistas desenvolvidas diante do crash financeiro foram os Bancos Centrais, que injetaram trilhões de dólares para salvar o sistema bancário¹ e; logo depois, a aplicação de uma política de afrouxamento monetário visando a recuperação das economias capitalistas (a estratégia do quantitative easing).²

Decorridos dez anos da crise de 2008, percebe-se que o maior problema das economias capitalistas mais desenvolvidas é o alto endividamento do setor público e do setor privado.³ Apesar da estratégia do quantitative easing, as economias centrais não conseguiram ter crescimento sustentável e, diante das ameaças de desaceleração e inclusive, recessão, cresceu o temor de novo crash financeiro num cenário “explosivo”: os Bancos Centrais não têm mais ferramentas monetárias para realizar injeções de dinheiro na economia tal como fizeram em 2008 (para além do quantitative easing, os bancos centrais têm utilizado as políticas de taxas de juros negativas ou NIRP, (sigla em inglês – “Negative Interest Rate Policy”) para fazer o dinheiro circular e, deste modo, reanimar as economias endividadas.⁴

Mas, como temos salientado, a crise do capitalismo global, pelo menos desde 2008, diz respeito aos fundamentos materiais das economias do centro (e da periferia) capitalista, isto é, a crise estrutural de lucratividade é produto do persistente aumento histórico da composição orgânica do capital no plano global. Na medida em que não existem perspectivas de lucratividade, o investimento produtivo se reduziu em termos relativos, prejudicando o crescimento do PIB. Deste modo, a massa de capital-dinheiro tende a se deslocar para a esfera da especulação financeira. Apesar do aumento da taxa de exploração e do novo salto tecnológico da Quarta Revolução Industrial, a taxa de lucro não se recuperou de forma sustentável. A financeirização da riqueza capitalista não operou como movimento contra-tendencial à queda da taxa de lucro, mas apenas deslocou as contradições do sistema. Entretanto, presenciamos no começo da década de 2020, um provável esgotamento da estratégia de deslocar as contradições do capital.

Desde 2018, há pouco mais de dez anos do big crash, as economias dos países capitalistas centrais se desaceleraram, indicando a inversão do pequeno ciclo de crescimento que começou em 2017. De 2010 a 2014 temos um primeiro ciclo de crescimento das economias centrais. Logo, verificou-se uma desaceleração e queda, sem se configurar como recessão, o que durou até 2016, voltando a crescer em 2017, mas não se sustentando, indicando uma desaceleração em meados de 2018, com perspectiva de recessão global. O que se verifica desde 2008, são períodos curtos e insustentáveis de crescimento, seguidos de desacelerações e quedas que ameaçam uma nova

1. Em 2008, a quebra do Lehman Brothers tornou-se marco da crise que levou EUA e Europa a injetarem trilhões no mercado para evitar a derrocada mundial, como a de 1929. Leia-se a reportagem: “Após crise global estourar em 2008, bancos receberam socorros bilionários”, O Globo, 05/08/2014. <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/apos-crise-global-estourar-em-2008-bancos-receberam-socorros-bilionarios-13495994>. Acesso em 06/11/2019.

2. Quantitative easing (QE), conhecido também como flexibilização quantitativa, afrouxamento quantitativo ou política de harmonização financeira quantitativa é uma ferramenta de afrouxamento monetário que visa a criação de quantidades significantes de dinheiro novo eletronicamente por um banco, mas autorizado pelo Banco Central, mediante o cumprimento das normas de percentuais pré-estabelecidos. É um jargão para uma ação de política monetária do Banco Central. Os bancos centrais utilizam-se desta estratégia há muito tempo e mantêm a sua prática como forma de reanimar a economia sem precisar confeccionar o dinheiro físico. Contudo, foi só a partir das recessões de início dos anos 2000, no Japão, e da Crise do subprime, nos EUA, que esta medida tornou-se expressiva.

3. Verificamos hoje no capitalismo global um nível de endividamento jamais visto desde a Segunda Guerra Mundial, que ameaça o veneno da próxima crise. Eis a manchete do El País: “Bomba da dívida mundial ameaça explodir”. Acesso em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/economia/1528478931_493457.html.

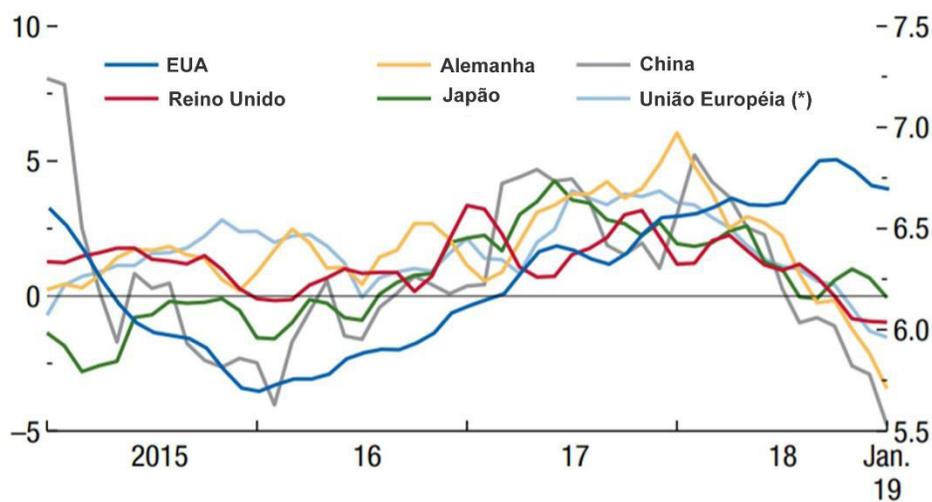
4. “Negative Interest Rate Policy (NIRP) Definition”. In: <https://www.investopedia.com/terms/n/negative-interest-rate-policy-nirp.asp>. Ou ainda, para maiores esclarecimentos sobre tal estratégia da economia capitalista: Acesso em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2019/10/14/por-que-h%C3%A1-pa%C3%ADses-com-juros-negativos>.



recessão.

Por exemplo, leia-se o Gráfico 1, que demonstra a instabilidade da produção industrial diante da crise do capitalismo global. A produção industrial é bom indicador das perspectivas de crescimento da economia. Neste Gráfico, vemos que os EUA têm uma recuperação da produção industrial no começo de 2016, crescimento que prossegue até meados de 2018. Dentre as economias desenvolvidas, os EUA apresentam a melhor performance da produção industrial neste ciclo de crescimento pós-crise de 2008 (inclusive superior à China, que no começo de 2015 tem uma queda significativa, voltando-se a recuperar no começo de 2016, tal como a economia norte-americana). Porém, a produção industrial da China recupera-se de forma errática, começando a cair novamente no começo de 2018. A produção industrial da Alemanha mantém-se em crescimento, oscilando pequenos ciclos de altas e baixas, desde o começo de 2015 até o começo de 2018, quando verificamos uma queda abrupta, seguindo a queda da produção industrial da China. De certo modo, no começo de 2018, a produção industrial cai em todos os países capitalistas desenvolvidos, principalmente na China, com impactos no crescimento do PIB chinês, que caiu de forma significativa.⁵ Numa perspectiva histórica de longa duração, pelo menos desde 1979, podemos verificar utilizando dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), que, pelo menos nos últimos quarenta anos, o mundo tem oscilado entre altas e baixas taxas de crescimento e queda do PIB.

Gráfico 1. Produção Industrial



(*) França, Itália, Holanda e Espanha

Fonte: FMI, WORLD ECONOMIC OUTLOOK, Growth Slowdown, Precarious Recovery, 2019

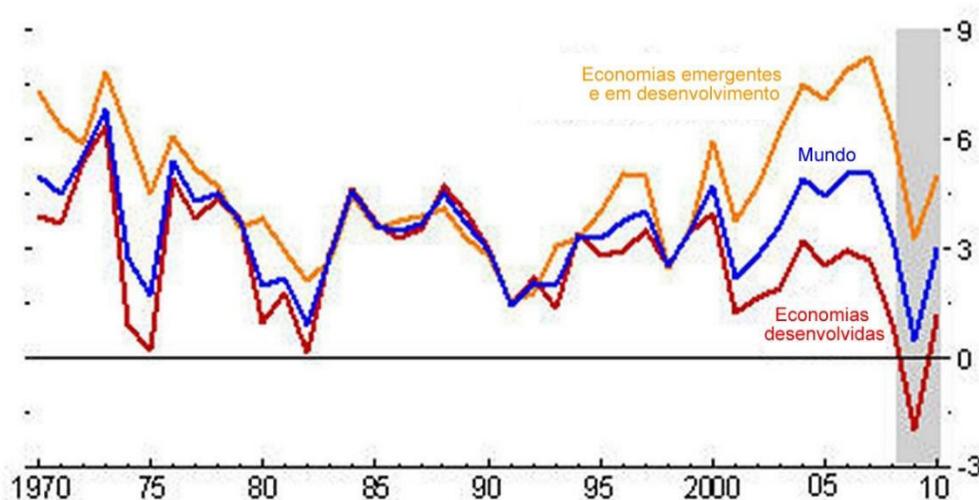
Logo abaixo, no gráfico 2, a linha azul demonstra uma leve inclinação descendente, com uma queda abrupta em 2008 – o ano do crash financeiro global. A linha vermelha, que indica a evolução do PIB das economias desenvolvidas, núcleo orgânico do capitalismo global, apresenta-se mais rebaixada ainda, descolando-se (para baixo) da linha azul, o que indica a evolução do PIB

⁵“Economia da China cresce 6,6% em 2018; taxa é a menor desde 1990”. Em. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/01/21/economia-da-china-cresce-66-em-2018.ghtml>.



mundial, no ano de 2000. Isso pode ser explicado pelo ciclo exuberante de crescimento da China, que elevou o crescimento médio do PIB mundial. Isto foi verificado no caso da evolução das economias emergentes e em desenvolvimento que a partir de 2000 até 2008, tiveram – ao lado da economia da China - um salto de crescimento do PIB. Com a profunda crise financeira de 2008, as economias do mundo caíram e a partir de 2010, recuperaram-se num patamar mais baixo. Mas o que interessa demonstrar neste Gráfico 2 abaixo, é a operação de tendência de queda da taxa de lucratividade, pelo menos nos trinta anos de capitalismo global, operando com vigor nos países centrais do capitalismo global e de forma “contida” na China, onde a lei do valor opera sob restrições. Mesmo assim, devido aos vínculos orgânicos da China com o mercado mundial, a economia chinesa não deixou de ser afetada pelo movimento de crise do capitalismo global.

Gráfico 2. Crescimento do PIB (1970-2010)



Fonte: FMI, Global Economic Slump Challenges Policies, 2009.

No Gráfico 3 apresentamos a evolução da produção industrial, o volume do comércio mundial e a tendência das ordens de compra das manufaturas globais no que diz respeito à economia global. Nesse caso, que inclui todas as economias do mundo, verificamos a mesma evolução descrita no Gráfico 1. No que diz respeito à produção industrial, verificamos com clareza, um decréscimo até começo de 2016. A partir daí, a produção industrial volta a crescer, voltando a cair novamente no começo de 2018. O volume do comércio mundial acompanhou a produção industrial, alcançando altos níveis, mas caindo abruptamente em meados de 2018, por causa da guerra comercial entre a China e os EUA. O indicador de tendência das compras de manufatura acompanhou a produção industrial; e o volume do comércio mundial, indicou um rebaixamento em meados de 2017 e uma queda abrupta no começo de 2018. Todos os indicadores demonstram a desaceleração abrupta da economia global devido a elementos contingenciais (guerra comercial China x EUA, Brexit, etc.), mas também a elementos de fundo, como, por exemplo, os indicadores de endividamento global com riscos sistêmicos; e, ainda, elementos estruturais que viemos salientado, como a baixa taxa de lucratividade (ou a tendência à queda da taxa de lucratividade) e suas dificuldades de crescimento, por conta da pressão da composição orgânica do capital.



Gráfico 3. Produção Industrial, Comércio Mundial e Tendência da Manufatura - Economia Global -

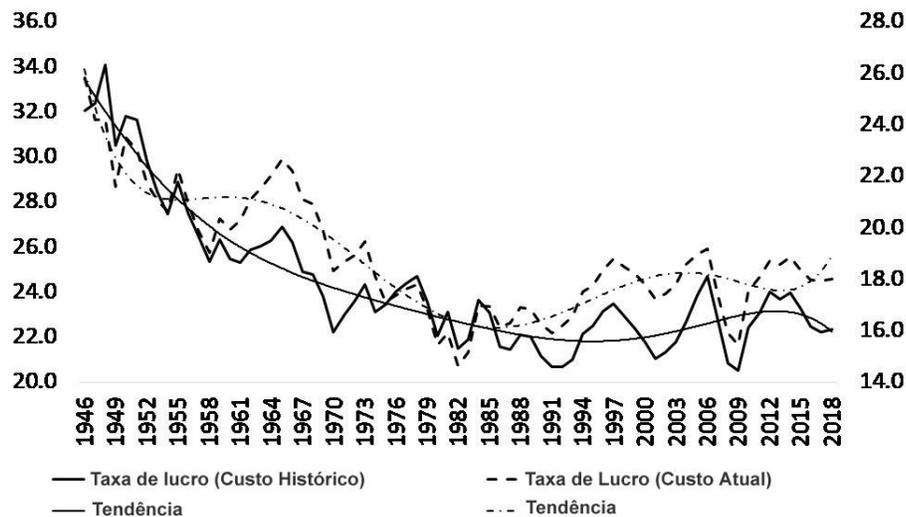


Fonte: FMI, WORLD ECONOMIC OUTLOOK, Growth Slowdown, Precarious Recovery, 2019

Vejamos a seguir, a taxa de lucro dos EUA, a economia capitalista dominante do núcleo do capitalismo global. É importante observar seus ciclos de queda, recuperação e crescimento acompanhando, por exemplo, sua produção industrial (como verificamos no Gráfico 1). Na medida em que cresce, a economia dos EUA exerce um efeito nas economias do Japão, União Europeia e, inclusive, América do Sul. As dificuldades de lucratividade nos EUA sinalizam problemas também em outros países do mercado mundial. O Gráfico 4 a seguir, apresenta a evolução da lucratividade nos EUA desde o pós-guerra, demonstrando uma evolução descendente que oscila em altos e baixos com ligeira inflexão para cima a partir de 2000 – momento da ascensão do capitalismo global – e uma oscilação para baixo em 2015. O gráfico apresenta medidas da taxa de lucro nos EUA baseadas em custos históricos (CH) e atuais (CA). O que se observa é que a medida de custo atual atingiu seu ponto baixo no início dos anos 1980; e a medida de custo histórico não o fez até o início dos anos 1990. O que explica a diferença entre a medida da taxa de lucro pelo custo histórico e o custo atual é a inflação. Se a inflação estiver alta, como ocorreu entre os anos 1960 e o final dos anos 1980, a divergência entre o custo histórico e o custo atual da medida da taxa de lucro será maior. Quando a inflação cai, a diferença nas mudanças entre as duas medidas de CH e CA diminui. De 1965 a 1982, a taxa de lucro dos EUA caiu 20%, pela medida do custo histórico, ou 35%, pela medida do custo atual. De 1982 a 1997, a taxa de lucro dos EUA aumentou apenas 9% (pelo custo histórico), ou aumentou 29% (pelo custo atual). Mas durante todo o período do pós-guerra até 2018, houve uma queda secular na taxa de lucro dos EUA (pela medida do custo histórico de 30% e pela medida do custo atual também 30%).



Gráfico 4. Taxa de Lucratividade (EUA)
(1946-2018)



Fonte: Carchedi e Roberts (2018)

Como observou o economista marxista Michael Roberts:

Os dados confirmam a explicação de Marx sobre as tendências da lucratividade. Segundo Marx, as mudanças na lucratividade dependem do movimento relativo de duas categorias do processo de acumulação do capital: (1) a composição orgânica do capital (c/v); e (2) a taxa de mais-valia (ou taxa de exploração) (m/v) – onde c é o capital constante; v , o capital variável; e m , a massa de mais-valia. Desde 1965, houve um aumento secular na composição orgânica do capital (medida pelo custo histórico) de 60%, enquanto o principal elemento contratendencial à queda da taxa de lucro - a taxa de mais-valia - caiu mais de 9%. Então a taxa de lucro caiu 30%. Inversamente, no chamado período “neoliberal” de 1982 a 1997, a taxa de mais-valia aumentou 16%, mais do que a composição orgânica do capital (11%); então a taxa de lucro aumentou 9%. Desde 1997, a taxa de lucro dos EUA caiu cerca de 5%, porque a composição orgânica do capital aumentou quase 17%, superando assim, o aumento da taxa de mais-valia (4%).⁶

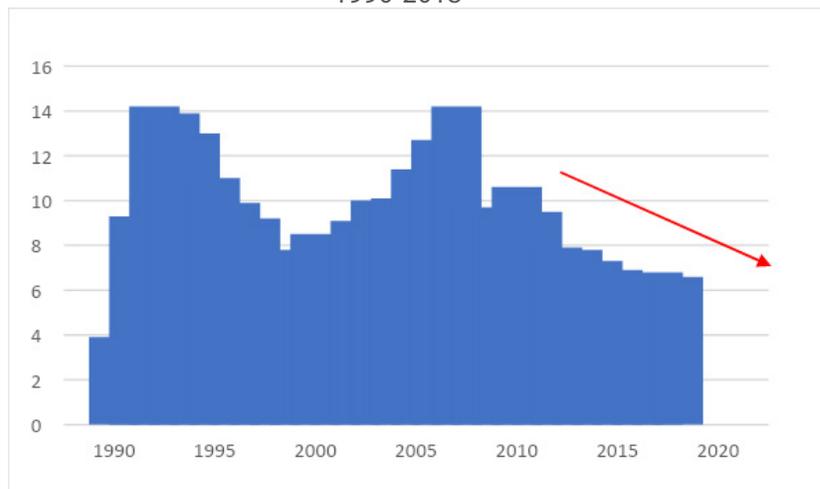
Desde 2011, a China reduziu seu ritmo de crescimento, afetando o crescimento do PIB de países que dependem de exportações de commodities (como o caso do Brasil e da Argentina). Na verdade, embora tenha crescido 10,6% em 2010, reagindo à queda de 2008 e 2009 (9,7% e 9,4%); a partir de 2011, o PIB da China começou a decrescer (9,5 em 2011; 7,9 em 2012; 7,8 em 2013; e 7,3 em 2014), afetando países dependentes da venda de commodities. A queda lenta e persistentes do ritmo de crescimento da segunda maior economia do mercado mundial continuaria nos anos

6. Roberts, Michael. “US rate of profit measures for 2018”. In: <https://thenextrecession.wordpress.com/2019/11/04/us-rate-of-profit-measures-for-2018/>. Acesso em 06/11/2019.



seguintes: 6,9% em 2015; 6,7% em 2016; 6,8% em 2017 e 6,6% em 2018. A guerra comercial com os EUA e a desaceleração do PIB de parceiros comerciais por conta da crise do capitalismo global, da qual faz parte a China, explicam o mais baixo índice de crescimento do PIB nos últimos 27 anos.

Gráfico 5. Crescimento da China – PIB
1990-2018



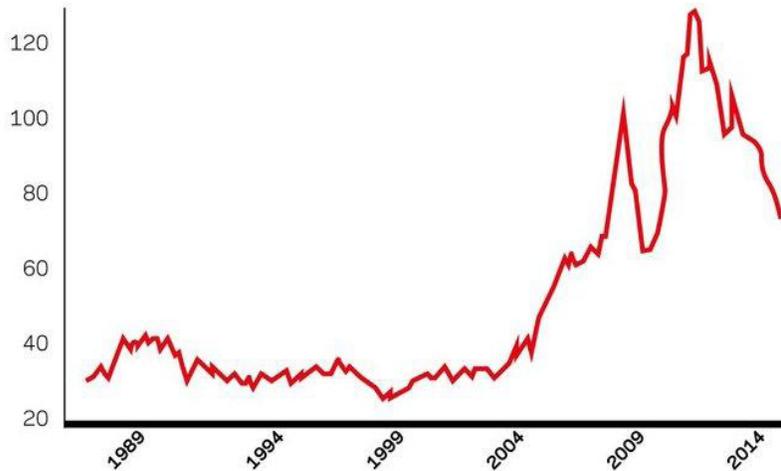
Fonte: FMI Apud <https://pt.countryeconomy.com>

No decorrer da década de 2010, as economias dos países da América Latina acompanharam a desaceleração da economia global, tendo como principal referência a desaceleração da economia da China. A construção de modelos de desenvolvimento a partir da exportação de commodities⁷, e não pela produção industrial com maior valor agregado, vulnerabilizou as experiências de desenvolvimento social na América latina (como, por exemplo, na Venezuela, Argentina e Brasil). O Gráfico abaixo nos mostra a queda dos preços de commodities, que afetou as economias latino-americanas a partir de 2011, e que corresponde com a desaceleração do crescimento da economia chinesa.

7- "A palavra inglesa "commodity" significa simplesmente mercadoria. Mas, no mercado, o termo se refere a produto básico, em estado bruto ou com baixo grau de transformação. São mercadorias com pouco valor agregado e quase sem diferenciação - que podem, portanto, ser negociadas globalmente sob uma mesma categoria. Minério de ferro, madeira, carne e frango "in natura" e petróleo são algumas das mais comercializadas. O frango in natura produzido no Brasil e exportado para o mundo todo é uma commodity. Já produtos feitos a partir dele, como nuggets e salsichas, não. O que faz um nugget deixar de ser commodity é seu grau de processamento. Não é commodity por ser diferenciado. Esses produtos são divididos em agrícolas e minerais. Os agrícolas englobam culturas como soja, milho, algodão, açúcar. Os minerais vão desde o minério de ferro até o petróleo, passando pelo cobre e o ouro. As commodities representam 65% do valor das exportações brasileiras, segundo levantamento de 2014 da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD). As dez primeiras posições no ranking do MDIC (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior) de produtos mais exportados são ocupadas por commodities. Com a exportação de commodities representando 6,8% do PIB brasileiro (UNCTAD, 2014), a queda dos preços e a redução da demanda chinesa a partir de 2011 colaboraram para que os resultados na economia se deteriorassem". Apud "As commodities e seu impacto na economia do Brasil". In: <https://www.nexojournal.com.br/explicado/2016/03/31/As-commodities-e-seu-impacto-na-economia-do-Brasil>. Acesso em 07/11/2019.



Gráfico 6. Índice de Preços de Commodities
2012/2013 média = 100



Fonte: Reserve Bank of Australia

(<https://www.rba.gov.au/chart-pack/commodity-prices.html>)

O caso do Brasil é o melhor exemplo da tragédia de países dependentes da exportação de commodities: enfrentou a maior recessão da história em 2015-2016, em parte provocada pelas medidas de austeridade neoliberal adotada pelo ministro Joaquim Levy (governo Dilma); e depois, de 2017-2018, com a política hiperliberal do ministro Henrique Meirelles (governo Temer); e com a continuidade da crise política e social, a economia brasileira permaneceu estagnada, perdendo, nesse período, o momentum de crescimento das economias desenvolvidas em fins da década de 2010.

Diante da crise histórica de lucratividade, pelo menos desde a crise de 2008, o capital operou como principal contratendência, assim o aumento da taxa de exploração da força de trabalho e/ou a desvalorização do capital constante. Por exemplo, no caso dos EUA, desde meados da década de 1960, verifica-se o aumento secular na composição orgânica do capital (COC), que tem pressionado para baixo a taxa de lucratividade das corporações industriais. Entretanto, para operar o movimento contratendencial, o principal recurso tem sido o aumento da taxa de mais-valia (ou taxa de exploração). Caso a COC cresça e a taxa de mais-valia não acompanhe o crescimento, a taxa de lucro deve cair – foi o que vimos acima no gráfico 4. Nos EUA, o neoliberalismo da década de 1980 (governos Reagan), contribuiu para aumentar a taxa de mais-valia, que cresceu mais do que a COC, elevando, deste modo, a taxa de lucro das empresas, embora num patamar inferior àquelas taxas de lucro anterior à grande crise de 1973-1975. De acordo com os dados de Michael Roberts, de 1982 a 1997, a taxa de mais-valia aumentou 16%, mais do que a composição orgânica do capital (COC) (11%), fazendo com que a taxa de lucro aumentasse em 9%. Entretanto, diz o autor, para que a taxa de lucro continuasse aumentando, era necessário que a taxa de mais-valia crescesse acima do aumento da COC, o que não ocorreu. Não é que a taxa de exploração não tenha aumentado, mas o aumento da COC foi maior. Portanto, a crise do capitalismo global se desenvolve num cenário histórico em que o capital precisa fazer a taxa de exploração aumentar mais do que o crescimento da COC – o que deve ser bastante improvável.

A questão que se coloca é saber em que medida a Quarta Revolução Industrial no começo do século XXI, vai contribuir para o aumento da COC nos próximos anos (ou décadas), colocando como necessidade que o capital aumente a taxa de exploração num patamar superior ao aumen-



to da COC. O desenvolvimento da gig economy (economia de bicos) e o novo patamar de precarização estrutural do trabalho, visam realizar tal necessidade da acumulação de capital. Ao mesmo tempo, o capital pode efetuar um movimento de desvalorização do capital constante por meio da renovação tecnológica das empresas (o que vai exigir maior capacidade financeira delas).

A necessidade do aumento da taxa de exploração (ou da taxa de mais-valia) é o que explica a precarização estrutural do trabalho no capitalismo global. A disseminação da superexploração do trabalho para além do capitalismo dependente é outro movimento do capital visando aumentar a taxa de exploração. Tanto a exploração (quanto a superexploração) da força de trabalho, articulam-se com o tecnocapitalismo e o novo imperialismo do século XXI, colocando novos elementos da transfiguração crítica do processo de trabalho e das cadeias de valor no século XXI.

A crise de longa duração do sistema do capital

A crise do capitalismo global é uma crise de longa duração histórica, marcada por altos e baixos da conjuntura da economia e da política. Salientamos que a crise estrutural do capital diz respeito à crise do modo de produção capitalista e à crise do modo de controle sociometabólico estranhado (a relação-capital), que tem caracterizado secularmente as sociedades humanas de classe. Portanto, não se trata apenas de uma crise do modo de produção cujo declínio iniciou-se em meados da década de 1970, com a primeira grande recessão global do capitalismo do pós-guerra.

O capitalismo global representa a forma histórica no interior da qual se desenvolve o declínio do capitalismo como modo de produção. Trata-se de um processo de longa duração histórica que deve percorrer todo século XXI. Não se trata apenas do declínio do capitalismo como modo de produção, mas do colapso das formas da relação-capital como regulação sociometabólica. Aprofundou-se o estranhamento social na forma de fetiches (fetichismo da mercadoria, fetichismo do Estado, fetichismo da técnica, etc); e assistimos ao progressivo colapso ambiental no que diz respeito à relação homem x natureza e homem x homem. Portanto, não se trata apenas de crise do capitalismo, mas sim de crise do capital como forma histórica, colocando em risco, pela primeira vez na história, a própria existência do homem como espécie no planeta Terra (nenhuma crise do modo de produção adquiriu tal radicalidade histórica).

A crise do capitalismo global contém em si, como elemento de fundo estrutural, o desenvolvimento das tendências indicadas por Karl Marx na sua crítica da economia política. Identificamos na crise do capitalismo global, um dos seus elementos compositivos: a crise histórico-estrutural de lucratividade. Desta forma, resgatamos uma interpretação ortodoxa da crise capitalista na perspectiva de Karl Marx e Friedrich Engels. Isto porque existe uma controvérsia entre marxistas sobre o significado da lei de tendência de queda da taxa de lucro na explicação da crise capitalista. Vários autores marxistas não apenas negam a lei do valor, mas também negam a interpretação da crise através da lei de queda tendencial da taxa de lucro. No entanto, nas últimas décadas, verificou-se um acúmulo de evidências históricas da ação da lei tendencial de queda da taxa de lucro. O debate marxista enriqueceu-se nas últimas décadas, ao mesmo tempo em que o capitalismo expõe sua incapacidade de crescer. Afirma-se o que autores neokeynesianos denominam de estagnação secular –, como no caso dos EUA. Tais evidências históricas representam na nossa perspectiva, a operação de longa duração da lei tendencial de queda da taxa de lucratividade.

Inclusive, é possível afirmar que existe uma “crise estrutural”, no sentido de que se encerrou a possibilidade do capitalismo como modo de produção, de repetir o ciclo de crescimento e bem-estar como ocorreu após a Segunda Guerra Mundial do século XX. As dificuldades de valorização



do capital que se expõem como crises financeiras são dificuldades estruturais. O capitalismo como modo de produção está “afetado de negação” – utilizando a linguagem dialética (nunca a lógica dialética foi tão indispensável para apreender o sistema social em sua etapa de crise estrutural). Como diria Marx, ocorre hoje, num patamar de maior densidade histórica, a suprassunção do capitalismo no interior do próprio capitalismo (suprassunção como negação, superação e conservação).

As alterações tecnológicas na composição orgânica do capital ou o aumento da produtividade do trabalho social por conta do progresso tecnológico, são de fundamental importância para apreender os elementos de fundo que determinam o desenvolvimento do sistema de produção de mercadorias e acumulação de mais-valor. O movimento que afeta de negatividade o movimento do capital e seu modo de produção, por si só, não é suficiente para vislumbramos a superação histórica do capitalismo como modo de produção. Neste sentido, a ação histórica da luta social e política das classes é elemento de necessidade, pois a história é feita pelos homens, embora sob determinadas condições. Mas a ação histórica ocorre dentro de limites materiais, pois não dependem só da vontade política dos agentes, embora se possa construir fantasias e ilusões, que logo serão negadas pelo movimento objetivo da economia política.

Perguntemos: diante do movimento de crise estrutural do capital como deve operar a luta de classes, principalmente em países da periferia do capitalismo global, como Brasil e Argentina? Quais as questões políticas e sociais que devem se expressar como telos do movimento das massas do proletariado no século XXI? Na medida em que se desenvolve o tecnocapitalismo, o capital opera contradições candentes – não apenas àquelas que são contradições fundamentais do modo de produção capitalista, mas àquelas que são contradições metabólicas do capital (ALVES, 2020).

À título de considerações finais

Temos salientado que o movimento de mudança tecnológica na produção tende a corroer as bases da própria valorização do capital. Mas além da intensificação das mudanças tecnológicas, inclusive como forma de desvalorização do capital constante, explicita-se, cada vez mais, no século XXI, as disputas políticas acirradas pelo fundo público (o espaço do Anti-valor), a partir das quais são constituídas as reivindicações candentes da massa do proletariado por conta da crise social, decorrente da expansão da “nova precariedade salarial” (a luta pelos direitos trabalhistas, sociais e previdenciários); da crise demográfica, tendo em vista o envelhecimento da população mundial e a necessidade de serviços de saúde e educação de novo tipo e; da crise ecológica, na medida em que avança o colapso ambiental e a necessidade de acolhimento das vítimas do aquecimento global.

No decorrer do século XXI, deve-se ampliar a crise da democracia liberal, aprofundada como crise de legitimidade do poder político do capital. Isto porque o capital deve acirrar o poder da ideologia e expandir a manipulação social à novos processos de subjetivação alienada, visando retardar/bloquear a formação da consciência crítica das massas de proletários. Além disto, devem surgir formas de “Estado de exceção”. Inclusive podemos dizer que o “Estado de exceção” é o Estado capitalista do século XXI, cujo fundo público foi desativado como elemento de legitimidade política, apelando para dispositivos de repressão policial ou militar (necropolítica). Neste sentido, deve-se aprofundar a crise de representatividade política das massas, dificultando o encaminhamento de saídas políticas para problemas estruturais no interior da “ordem democrática”. A crise do capital deve se deslocar para dentro do próprio Estado, já que o Estado político é o Estado do capital, e é no interior deste que deve ocorrer a luta de classes como luta de vida ou morte (apro-



fundamento da crise social e conflitos políticos complexos nas várias “democracias capitalistas”).

Os limites da financeirização como forma de deslocamento das contradições do capital ficam expostos, pois as crises financeiras se tornam ameaças para a sobrevivência do próprio sistema de poder do capital. Os movimentos de contenção do capital fictício devem aprofundar a crise do capitalismo senil, pois o sistema será obrigado a dar resposta às contradições na sua origem (o modo de produção de valor).

A massa de capital-dinheiro incapaz de autovalorizar-se, deve provocar o “colapso” da forma-valor, um “colapso” que se prolonga no tempo-espaço. Na verdade, a forma-valor se encontra “afetada de negação”. Além disto, devemos salientar que o valor é uma relação social de poder, o que significa que as contradições estruturais do sistema devem ser resolvidas no plano histórico da luta de classes – mesmo que isso possa significar sua auto-extinção. Talvez o impedimento do deslocamento das contradições na direção da financeirização possa reativar os movimentos contratendências clássicos à crise de lucratividade, embora eles manifestem os limites de sua eficácia histórico-social e político-moral (por exemplo, o aumento da taxa de exploração, levando-a a se converter em “superexploração”; e o aumento da velocidade de “obsolescência planejada” dos valores de uso, tal como indicou Mézáros no seu livro clássico “Para Além do Capital” (2003).

Enfim, o capital como valor, na sua etapa de crise estrutural, defronta-se com seus limites, tendo em vista que os limites fazem parte da sua própria natureza. O valor – na medida em que se “acoplou” ao capital – tornou-se uma forma de ser que desde sempre, colocou obstáculos para si, superando-os efetivamente. Entretanto, diante da sua crise estrutural, o capital, como valor em processo, encontra-se não diante de barreiras – plenamente superáveis – mas sim, diante de limites que representam o próprio capital como causa sui (a causa de si próprio).

Referências:

- Alves, G. (2020). As contradições metabólicas do capital: colapso ecológico, envelhecimento e extinção humana. Bauru: Projeto editorial Praxis.
- Carchedi, G. (Ed.) and ROBERTS, Michael (Ed.). (2018). World in Crisis: A Global Analysis of Marx’s Law of Profitability. Haymarket Books, Chicago/Illinois.
- Fondo Monetario Internacional. (2019). World economic outlook. Growth Slowdown, Precarious Recovery. Washington: FMI. Recuperado de <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2019/03/28/world-economic-outlook-april-2019>.
- Fondo Monetario Internacional. (2009). Global Economic Slump Challenges Policies, 2009. Recuperado de <https://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2009/update/01/>
- Reserve Bank of Australia. Recuperado de <https://www.rba.gov.au/chart-pack/commodity-prices.html>
- Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento UNCTAD. (2014). Nova York e Genebra: UNCTAD. Recuperado de https://unctad.org/es/system/files/official-document/tdr2014_es.pdf
- Roberts, M. (4 de novembro de 2019). US rate of profit measures for 2018. Michael Roberts Blog. Recuperado de: <https://thenextrecession.wordpress.com/2019/11/04/us-rate-of-profit-measures-for-2018>
- O Globo. (05 de Ago. de 2014). Após crise global estourar em 2008 bancos receberam socorros bilionários. Acervo do globo. Recuperado de <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/apos-crise-global-estourar-em-2008-bancos-receberam-socorros-bilionarios-13495994>.
- Hayes, A. (26 de mar. de 2020). Negative Interest Rate Policy (NIRP) Definition. Investopedia. Recuperado de <https://www.investopedia.com/terms/n/negative-interest-rate-policy-nirp.asp>. Acesso em
- G1. (21 de jan. de 2019.). Economia da China cresce 6,6% em 2018; taxa é a menor desde 1990. G1. Recuperado de: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/01/21/economia-da-china-cresce-66-em-2018.ghtml>.
- Countryeconomy. Recuperado de: <https://pt.countryeconomy.com>

